Tonie



FAIXA 02
3 APRESENTAÇÃO

FAIXA 03
4 A JAPONESA QUE CHEGA AO BRASIL

FAIXA 04
6 IMIGRAÇÃO JAPONESA

FAIXA 05
8 O PRIMEIRO CONTATO COM A ARTE

FAIXA 06
10 O INÍCIO DA CARREIRA

FAIXA 07
12 AVENTURA DA ABSTRAÇÃO

FAIXA 08
14 FORMAS, CORES E LUZ

FAIXA 09
16 ESCULTURAS E ESPAÇOS PÚBLICOS

FAIXA 10
18 QUAL É A COR DO AR?

FAIXA 02

APRESENTAÇÃO

O Instituto Tomie Ohtake apresenta essa série de oito ilustrações de autoria do artista e educador Claudio Rubino, sobre a vida e a obra da artista Tomie Ohtake. O material busca aproximar o público infantil do universo de uma das mais importantes artistas visuais do Brasil. As ilustrações apresentam aspectos da vida de Tomie Ohtake, como a vinda do Japão, a descoberta do Brasil, os primeiros contatos com a arte, o início da carreira perto dos 40 anos de idade e a aventura na pintura abstrata com formas e cores que extrapolaram os quadros e se espalharam por praças e parques na forma de grandes esculturas.

Essa publicação faz parte do projeto Manhãs de História, realizado pelo Instituto Tomie Ohtake em parceria com a Cielo, e tem como público-alvo crianças com deficiência visual. O projeto busca promover a igualdade de acesso à arte e à cultura, o desenvolvimento cognitivo do público atendido, a promoção da tolerância e da diversidade por meio do convívio entre crianças cegas e videntes e a descoberta da arte como lugar prazeroso de brincadeira e aprendizado.

Todo o conteúdo desta publicação está disponível ao público cego por meio de um CD com audiodescrição.

Agora, é hora de mergulhar no universo de Tomie Ohtake!

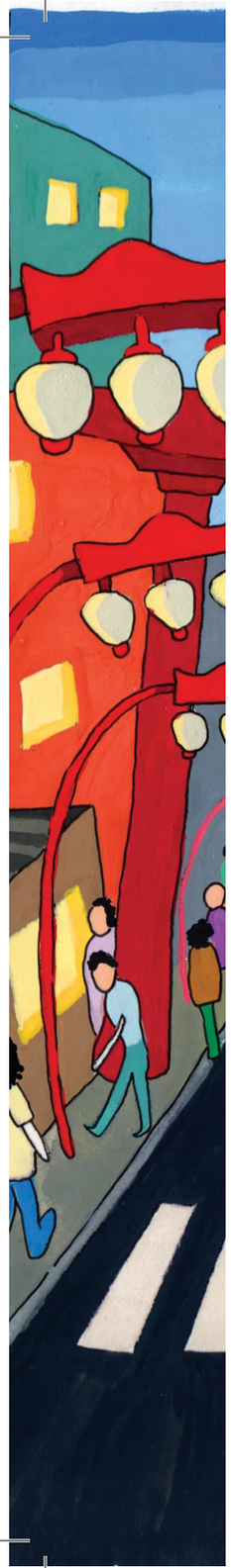
Instituto Tomie Ohtake
Núcleo Cultura e Participação

FAIXA 03

A JAPONESA QUE CHEGA AO BRASIL

Tomie nasceu no Japão, na cidade de Kyoto em 1913, e era a caçula de seis irmãos. Quando ela tinha 23 anos, decidiu visitar o irmão que morava no Brasil. Naquela época, as viagens eram feitas de navio e duravam muitos e muitos dias. Tomie queria ficar um ano no Brasil e depois voltar para o Japão, mas, com o início da Guerra do Pacífico (China e Japão), Tomie permanece no país. Essa decisão a fez escapar dos terrores das guerras que aconteceram, cobrindo os céus da Europa até a Ásia com fumaça e explosões. Enquanto permanecia esperando o fim das guerras, Tomie decidiu morar na cidade de São Paulo e conheceu Ushio Ohtake, engenheiro agrônomo, com quem se casou e teve dois filhos, Ruy e Ricardo. Assim Tomie escolheu o Brasil como sua nova pátria, e aqui viveu, produziu muitas obras de arte e nos encantou até sua morte, em fevereiro de 2015. Foi pintora, gravadora e escultora, além de grande artista de obras públicas.





FAIXA 04

IMIGRAÇÃO JAPONESA

Quando Tomie veio para o Brasil, muitos outros japoneses já moravam por aqui. Nos anos de 1900, o Japão passava por um período de grande crescimento populacional, mas a economia nipônica não conseguia gerar os empregos suficientes para toda população. Já o Brasil precisava de mão de obra para as lavouras de café, então, para suprir as necessidades de ambos os países, foi selado um acordo imigratório entre os governos brasileiro e japonês.
Nos primeiros dez anos da imigração, aproximadamente quinze mil japoneses chegaram ao Brasil. Esse número aumentou muito por causa das guerras, quando cerca de 160 mil japoneses vieram morar em terras brasileiras. A maioria dos imigrantes preferia o estado de São Paulo, pois nesta região era necessária mão de obra para agricultura e, nas cidades, já estavam formados bairros e colônias com um grande número de japoneses. Porém, algumas famílias espalharam-se para outros cantos do Brasil, como o norte do Paraná, Amazônia e Pará.





FAIXA 05

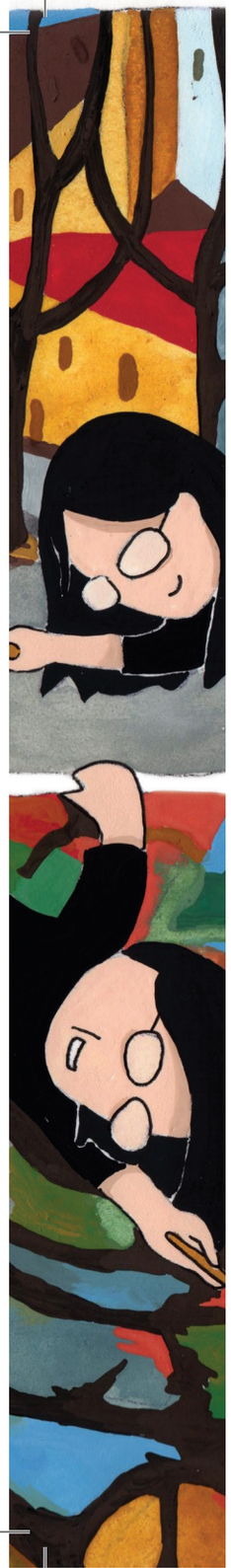
O PRIMEIRO CONTATO COM A ARTE

Ainda criança, Tomie teve contato com a mais tradicional das artes de sua terra, a caligrafia ou shodô, forma de escrever que parecem desenhos, mas são ideogramas que constituem a escrita dos países orientais.

A caligrafia oriental utiliza técnicas e materiais também utilizados para fazer arte, como pincéis, tinta e papel, e talvez por isso o passar a desenhar tenha sido rápido para Tomie, que, ainda no Japão, pintava retratos do que via, mas ela pintava pouco até vir morar no Brasil.

Seus primeiros anos no país foram pacatos, cuidando dos filhos e da casa, com poucos amigos e raros acontecimentos sociais. Além disso, é importante lembrar que a sociedade nesta época era bem conservadora e, Tomie vivia em um círculo pequeno de amizades, sem contato com artistas ou com o meio cultural, embora gostasse de ir a exposições no Museu de Arte Moderna de São Paulo com o marido e os filhos. E assim foi a vida dela até os 39 anos de idade.





FAIXA 06

O INÍCIO DA CARREIRA

Em 1952, o artista japonês Keiya Sugano vem ao Brasil para expor no Museu de Arte Moderna de São Paulo; e, após visitar sua exposição, Tomie participa de aulas informais com Sugano, que percebe o talento de Tomie e a incentiva a pintar. No início, ela montou em casa um ateliê no canto da sala, onde pintava telas com paisagens do bairro da Mooca, onde morava. Cinco anos depois, a artista fez sua primeira exposição individual. Nesse período inicial, ela pintou diversas telas figurativas, registros do que estava ao seu redor, como árvores e casas. Em seguida, ainda pintando paisagens e imagens do cotidiano, as cores e as formas foram se diferenciando, e lembravam um pouco pinturas fauvistas (tipo de pinturas em que os artistas utilizavam cores fortes) e cubistas (nas quais os artistas destacavam formas geométricas em suas obras).

Tomie frequentava o Museu de Arte Moderna de São Paulo, as poucas galerias existentes na cidade e começou a expor no Salão Paulista de Arte Moderna, e daí visitava e era visitada por outros artistas.

A partir dessa época, a artista Tomie passa a se aventurar na arte abstrata.





FAIXA 07

AVENTURA DA ABSTRAÇÃO

Sua aventura por novas formas de pintar a leva a abandonar a pintura figurativa, aquele tipo de pintura que representa objetos, frutas, vasos, animais, retratos de pessoas e paisagens de cidade ou do campo, para então se dedicar ao abstracionismo. Algumas pinturas abstratas até podem retratar objetos, pessoas e lugares, mas são mais difíceis de identificar e, de modo geral as pinturas abstratas tem mais formas geométricas, borrões e cores como as que a artista Tomie passou a se dedicar criando com gestos e muita sensibilidade.

Embora preferisse pintar, às vezes Tomie falava um pouco sobre suas pinturas. Tomie disse: "No Japão, com 23 anos, eu já gostava de desenhar e pintar com aquarela. Dentro do meu pensamento também existe o figurativo, mas comecei a pintar telas abstratas. No figurativo, o que você pinta já existe, mas o abstrato é uma ilustração mais profunda do meu pensamento. Da figuração para a abstração, deve haver mais profundidade, e a profundidade visual é usar elementos pictóricos abstratos para ressaltar os elementos essenciais da pintura."

Tomie teve aulas de pintura com Sugano, durante pouco mais de um mês, nas quais experimentou pintar paisagens e objetos, mas logo seguiu seu próprio caminho. Mergulhou nas cores, na abstração e ao puro sentimento sem, entretanto, deixar de ser fiel à forma (muitas vezes geométricas, como o círculo e o quadrado), ao desenho, à aplicação das cores e a uma certa racionalidade diante da criação das pinturas. Foi nesse momento que ela começou a desenvolver uma pintura mais gestual, com movimentos amplos, experimentando grandes espaços e telas de grandes dimensões. Segundo Tomie, o motivo que revela o gesto é: "Pequeno, parece ser só força do braço; grande, força do corpo inteiro". Nesses grandes espaços brancos, ela investigou cores e texturas; espaços cheios e vazios de cor. Variações de tons, muitas vezes utilizando as mesmas cores até que se esgotassem as misturas possíveis.

A artista Tomie seguiu sempre por esse caminho, variando muitas vezes de técnica, e, a partir de 1970, experimentou a gravura, uma forma de fazer desenhos que podem ser impressos muitas vezes, como um carimbo, técnica que acrescentou ainda mais a seu fazer artístico.





FAIXA 08

FORMAS, CORES E LUZ

Tomie dizia: "Desde pequena, gosto muito do redondo". "É uma forma sintética, tem amor e energia". "Círculos são coisas que lembram paz, é paz mesmo. Gosto muito dessa forma. Tem a ver com paz."

Para Tomie o círculo ou o redondo não eram o sol representado na bandeira do Japão que tem formato retangular, branco, com um círculo vermelho bem no centro, o símbolo do país do sol nascente. A artista Tomie pensava no círculo como uma forma expansiva e livre, a forma geométrica que mais gostava e mais expressava sua arte abstrata.

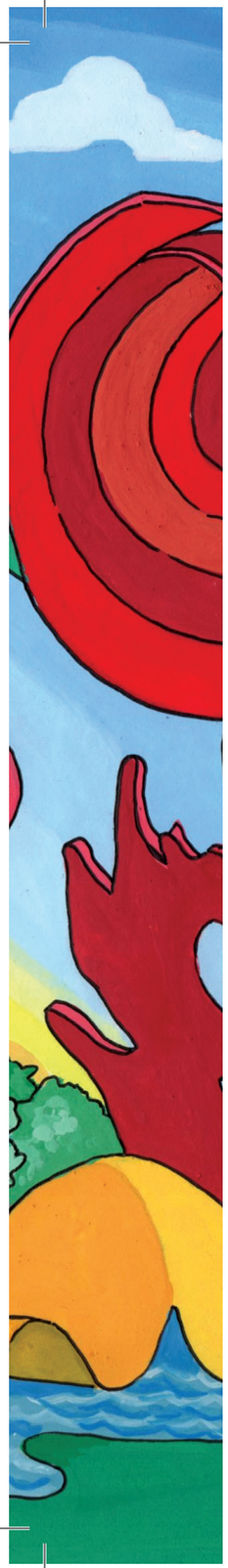
Um crítico de arte (pessoa que estuda e entende muito de arte) chamado Paulo Herkenhoff afirmou que a artista Tomie Ohtake é simplesmente zen, pois naturalmente deixa de lado qualquer necessidade de explicar sua obra, ou seja, ela não gosta de falar muito, e sim fazer arte. (zen é uma palavra que indica várias práticas de atividades e meditações para se concentrar e entender melhor as coisas em silêncio – costume que vem de uma parte da religião do continente asiático chamada budismo).

O gesto seria pouco sem as cores de Tomie. Elas foram muitas, variadas. Em sua produção, vê-se amarelo, vermelho, verde, preto, rosa, azul, marrom, branco, cinza. "Cada cor é um pensamento; não sei qual é a mais bonita", dizia a artista.

Ela contava que quando chegou ao Brasil percebeu que as cores eram diferentes do Japão, eram mais vivas, e que no Japão as cores tinham tons de cinza.

Tomie fez algumas pinturas com uma técnica muito interessante na qual ela pintava camadas de tintas brancas sobre as pinturas que ela fazia, e às vezes limpava essas camadas com a tinta ainda fresca passando um pano ou uma esponja. Esse processo, também chamado de "tornar visível" inclui uma etapa com os olhos vendados. Esse tipo de arte ficou conhecido como pintura cega. Disse Tomie sobre as pinturas com os olhos vendados: "Mário Pedrosa (crítico de arte) me deu muita atenção, me ensinou muitas coisas. Ele gostava muito das minhas pinturas. Sugeriu que eu pintasse uma tela toda de preto, sem olhar onde pintava, onde estava a tinta. E ficavam uns pontos brancos. Meu trabalho é desse jeito".





FAIXA 09

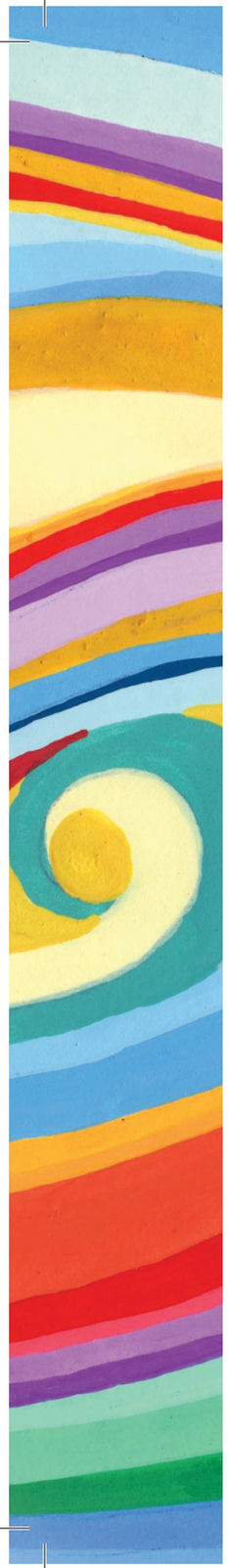
ESCULTURAS E ESPAÇOS PÚBLICOS

E a obra da artista Tomie Ohtake ficou grande, tão grande que precisou sair para a rua. Se você caminhar por São Paulo poderá encontrar algumas esculturas ou painéis da Tomie espalhados pela cidade.

Dizia Tomie sobre suas criações de arte pública: "Galeria e cidade são diferentes. A obra para o público tem que ser bonita, ter cor".

Ela realizou aproximadamente trinta esculturas e painéis, na maioria em cor vermelha, que podem ser vistas em São Paulo, Santo André, Santos, Araxá, Porto Alegre e até em Tóquio, no Japão. Sua primeira obra pública data de 1984, um painel pintado para um prédio da Ladeira da Memória em São Paulo, no Anhangabaú. Outra obra famosa são as quatro esculturas de concreto em forma de onda com cores diferentes, instaladas em 1988, na Avenida 23 de Maio perto do Centro Cultural São Paulo. Essa escultura marcou a comemoração pelos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, simbolizando as quatro gerações de japoneses que vivem no país, e é um dos cartões-postais da cidade. Anos depois, a obra ganhou novas cores a pedido da própria artista, para que a cidade ganhasse mais uma novidade. Tomie construía pequenas maquetes (miniaturas de suas obras) com a mão utilizando papéis e outros materiais fáceis de manusear. Dessa forma, a artista podia imaginar como aquela escultu-rinha seria em uma grande escala, muito maior que seu próprio corpo.





FAIXA 10

QUAL É A COR DO AR?

Tomie foi uma mulher serena, disciplinada e dedicada e, apesar da aparente delicadeza de traços e modos, também foi muito forte.
Sua rotina consistia em pintar, pintar e pintar; recobrir ao mesmo tempo, com camadas e mais camadas de tintas, vários quadros que ela deixava em cavaletes ou nas paredes de seu ateliê calmo e bem iluminado projetado por seu filho Ruy, que se tornou um grande arquiteto.
Suas obras tinham influências do oriente da sua infância e juventude, e do ocidente, onde viveu sua fase adulta até a velhice. Do oriente trouxe a noção de que poucos elementos, poucas coisas, devem dizer muito, e do ocidente uma ousadia de ocupar o espaço da tela de maneira precisa com cores e formas.
Com o tempo, as pinceladas antes tão marcantes e com bastante tinta foram se tornando mais lisas. Aparecem os meios-tons, os *dégradés*, as formas vão ganhando mais definição e se aproximam da geometrização. Tomie recortava triângulos, quadrados, etc. e organizava essas formas geométricas fazendo uma composição, um estudo, para só depois pintá-las nas telas.
Tomie teve dois filhos que sempre estiveram ao seu lado: Ruy e Ricardo. Ruy é designer de móveis (profissão que faz os projetos e desenhos de mesas, cadeiras, etc) e arquiteto; além de ter projetado o ateliê da Tomie, também fez o projeto do edifício onde fica o Instituto Tomie Ohtake, uma grande homenagem à mãe artista.
Ricardo é arquiteto como o irmão e também designer gráfico (ele projeta livros de arte, cultura e outros) e arquiteto como o irmão. Além disso, o Ricardo é o diretor geral do Instituto Tomie Ohtake. Lá são realizadas muitas exposições de arte, fotografia e design de diversos artistas com atividades educativas para todas as idades.
Tomie viveu 101 anos. Era uma mulher de poucas palavras, mas muita ação. No Brasil, Tomie descobriu a cor; ela via tudo muito colorido, e até sentia que o ar era amarelo, dizia: "A cor do ar é bonita também porque ela é só para se sentir".



FAIXA 11

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente
Ricardo Ohtake

Núcleo de Cultura e Participação

Diretor
Felipe Arruda
Assistência de Direção
Fernanda Beraldi

Projetos

Coordenação
Luis Soares
Assistência de coordenação
Felipe Tenório
Victor Santos
Produção
Dayves Augusto
Felipe Melo

Ação e Pesquisa Educativa

Coordenação
Galciani Neves
Fábio Tremonte
Assistência de coordenação
Melina Martinho

Educadores
Anike Laurita, André Castilho Pinto, Bianca Leite Ferreira, Denise Vieira Ramo da Silva, Divina Prado, Gabriela Piernikarz, Giovanna Pezzuel, Julia Monteiro Viana, Juliana Cappi, Lorena Pazzanese, Leandro Muniz, Luis Filipe Porto das Neves, Melina Martinho, Mona Lícia Santana Perlingeiro, Paola Ribeiro, Paula Vaz Guimarães de Araujo, Pedro Gabriel Amaral Costa, Priscila Menegasso, Rodrigo Fernandes, Rosilaine Reis de Souza Vieira

Cursos e Prêmios
Simone Castro
Administrativo
Maurício H. Yoneya
Jane Santos
Estagiária
Agata Rodriguez

Manhãs de história

Contadora de histórias
Andi Rubinstein
Audiodescritora
Lívia Motta
Design de interação
e Projeção Mapeada
Lina Lopes
Paulo Muggler Moreira

Música
Carlinhos Antunes
Carlos Serejo
Erico Theobaldo
Iluminação
Marcos Franja
Consultor em acessibilidade
Claudio Rubino
Pesquisadora de conteúdo
Cecilia Bedê
Produção
Dayves Augusto
Julia Paccola
Apoio Técnico
Jacildo Antônio de Paula
Adilson Oliveira da Silva
Pedro Mario
Ilustrações Instalação La Casa Azul
Felipe Tenório
Marcella Briotto
Edição e captação de vídeo
Gabriel Avólio
Fotografia
Tuca Fanchin

Ouvir para ver a cidade

Apé - estudos em mobilidade
Bruna Montuori, Carolina Barreiros, Carolina La Terza, Cristina Stoll, Davi Martins, Felipe Zveibil, Fernanda Tavares, Isabela Armentano, Júlia Anversa; Júlia Reis, Luiza Andrade, Marcelo Favilla, Mariana Novaski, Marieta Colucci; Mateus Humberto, Rafael Drummond

Bolsa de Artista Tomie Ohtake

Coordenador de conteúdo,
Audiodescrição e Ilustrações
Claudio Rubino
Contadora de história
Andi Rubinstein
Música
Erico Theobaldo
Produção têxtil de bolsas em resíduo
Camila Zupo
O Estúdio Sem Nome
Narração Audiodescrição
Amanda Lyra
Fernanda Raquel
Parcerias
EMEI Armando Arruda Pereira
Fundação Dorina Nowill
Laramara - Associação Brasileira
de Assistência a pessoa com deficiência
ONG Amigos pra valer
Lei de Incentivo à Cultura
Patrocínio
Cielo
Realização
Instituto Tomie Ohtake
Ministério da Cultura
Ano 2015

Patrocinador

Realização

